



# O maniqueísmo no discurso televisivo: uma análise do programa *Linha Direta*

Michele Negrini

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo refletir sobre as vozes presentes no discurso do programa "Linha Direta", mapeando os locutores e os colocando em relação à figura do enunciador. Para isso, utilizamos conceitos básicos da Análise do Discurso, especialmente a ideia de polifonia de Bakhtin e a distinção entre locutores e enunciadores de Ducrot. Como objeto, analisamos um episódio do programa, identificando as vozes e os sentidos predominantes na representação do criminoso e da vítima. Constatamos que no Linha Direta as imagens da vítima e do criminosos são construídas essencialmente por pessoas ligadas às vítimas. Assim, o programa apresenta um discurso com configuração maniqueísta, enfatizando a vítima como sendo essencialmente boa e dotada de qualidades e o criminoso como uma pessoa má, que entrou na vida da vítima para perturbá-la.

**Palavras-chave:** Polifonia - Enunciador - Locutor

**Abstract:** This article has the goal of reflecting about the voices present at the speech of the TV program "Linha Direta", identifying the speakers and putting them related to the figure of the announcer. For that, we used basic concepts of Speech Analysis, specially the idea of polyphony from Bakhtin and the distinction between speakers and announcers, from Ducrot. As an object, we analysed one episode of the program, identifying the voices and the main senses on the representation of the criminal and the victim. We verify that on Linha Direta the images of the victim and of the aggressors are built essentially by people connected to the victims. Thus, the program presents a speech with manicheist configuration, emphasizing the victim like being essentially good or full of qualities and the criminal as a mean person, that entered the life of the victim to disturb him or her.

**Key words:** Polyphony - Speaker - Announcer

**Resumo:** Ele artículo reflexiona a cerca de las vozes que se hacen presentes en el discurso del programa "Linha Direta", identificando los locutores y poniéndolos en relación a la figura del enunciador. Para tanto se utilizóslso conceptos básicos del Análisis del Discurso, especialmente la ideia de polifonía de Bakhtin y la distinción entre locutores y enunciadores de Ducrot. Se analizó un episodio del programa, identificando las vozes y los sentidos predominantes en la representación de criminoso y de víctima. Se constató que enel programa las imágenes de víctima y de criminoso son construidas esencialmente por personas ligadas a las víctimas. De esta forma, el programa presenta un discurso con configuración maniqueista, poniendo énfasis el la víctima como esencialmente buena y doctada de cualidades y el criminoso en tanto que una persona mala que entró en la vida de la víctima para perturbáseta.

**Palabras clave:** Polifonia - Enunciador - Locutor

**Michelle Negrini** é Jornalista pela Universidade Federal de Santa Maria; bacharel em Sistemas de Informação pelo Centro Universitário Franciscano de Santa Maria; mestre em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul; professora do Centro Universitário Franciscano-Unifra. *e-mail:* mmnegrini@yahoo.com.br.

## Introdução

O programa “Linha Direta” é veiculado pela Rede Globo de Televisão semanalmente, às quintas-feiras, geralmente apresentando o relato de dois crimes<sup>1</sup>, recheados por elementos discursivos tanto do jornalismo quanto da dramaturgia. Fortemente ancorado no recurso das simulações, o programa inicia com trechos do primeiro crime do dia, intercalados por depoimentos emocionados de pessoas ligadas à vítima. O que se vê depois é um misto de dramatização, depoimentos gravados e intervenções do apresentador em estúdio. Na transição do primeiro para o segundo caso, na maioria das vezes, o procedimento inicial é repetido. Ao final de cada episódio é exibido o “resultado” efetivo do programa: o criminoso preso após as denúncias de telespectadores<sup>2</sup>, sendo feita uma retrospectiva da sua conduta e da sua “vida criminosa”.

Assim, a estrutura do programa pode ser sintetizada como um ritual que se repete: apresentação do telespectador ao *bom* histórico da vítima e ao *mal* histórico do criminoso, dramatização de cenas do crime e da vida dos personagens envolvidos, depoimentos de pessoas emocionadas e de autoridades preocupadas, intercalados por aparições do apresentador, que conduz a narrativa. É comum que o apresentador remeta o telespectador à foto do criminoso, em destaque.

Quatro núcleos (MENDONÇA, 2001) trabalham em conjunto na produção do programa: a coordenação de jornalismo (apuração dos fatos e redação do texto jornalístico), o núcleo de dramaturgia (direção artística), o núcleo de roteiro (texto final e organização das reportagens) e a equipe de produção.

Embora o programa faça parte da grade de jornalismo da Rede Globo, as fronteiras entre jornalismo e entretenimento são fluidas, o que dificulta sua inserção em um gênero. A simulação de diálogos entre os personagens e a encenação de fatos, somadas ao recurso da sonorização, caracterizam mais a teledramaturgia e o espetáculo que propriamente o jornalismo – o que nos leva a tratar o “Linha Direta” como um produto híbrido.

A morte, associada ao sexo e à violência, é o principal bem simbólico ofertado ao consumo do telespectador. É uma morte com autoria, reveladora do que pode haver de mais estardalhaço na espécie humana: a capacidade de matar por qualquer motivo que não seja o da sobrevivência. Este autor, comumente denominado *bandido* ou *criminoso*, é tratado pelo programa sob uma perspectiva dominante – quando não a única – que objetiva

<sup>1</sup> Mendonça (2001) separa os casos apresentados no programa em três tipos: casos que já foram julgados pela Justiça e cujos criminosos se encontram foragidos; casos que ainda se encontram em aberto na Justiça; casos em que não há pistas de quem realizou o crime e em que situação ocorreu.

MENDONÇA, Kleber. Estratégias de autoridade em tempos de participação interativa: uma análise do programa “Linha Direta”. In: *10º Encontro Anual dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação*, 2001, Brasília. Anais. Brasília: Compós, 2001.

<sup>2</sup> No início ou no final de cada episódio são exibidos os nomes do responsável pela reportagem e pelo roteiro da dramatização; e, no final, o endereço eletrônico do “Linha Direta” ([www.globo.com/linha\\_direta](http://www.globo.com/linha_direta)), o endereço para correspondência e o telefone para denúncias, sempre reforçados pelo apresentador, Domingos Meirelles. O apelo à participação do telespectador é constante: Meirelles, ao evidenciar a foto do criminoso, convida quem tiver alguma pista acerca do seu paradeiro a ligar para o número do programa.

<sup>3</sup> Primeiro caso do episódio exibido em 2 de agosto de 2001.

uma representação plana, uniforme, simplista e inequívoca. Já a vítima é tratada como sendo admirável, dotada de virtude e de bondade. É demonstrada como sendo uma pessoa importante no seu círculo de relações e socialmente engajada.

É sobre as vozes que retratam o criminoso e a vítima que recai nosso interesse neste trabalho, e é com base em alguns conceitos da Análise do Discurso, partindo da distinção entre locutores e enunciadores proposta por Ducrot, que vamos analisar um caso representativo<sup>3</sup> da lógica polifônica do “Linha Direta”.

### Análise do Discurso

A Análise do Discurso (AD) de perspectiva francesa, que surge especialmente a partir das sistematizações de Michel Pêcheux sobre conceitos fundadores de Mikhail Bakhtin e Michel Foucault, é uma linha de investigação que tem por objeto textos, que são ao mesmo tempo lingüísticos e históricos. O discurso articula a língua com a história, sendo ele mesmo um “efeito de sentidos” – que existiam antes dele e que vêm conformá-lo naquele contexto específico, enunciado por aqueles atores determinados, naquele momento histórico.

O texto como objeto de pesquisa implica que se tome a Análise do Discurso como um quadro de referência conceitualmente organizado, mas metodologicamente aberto. É preciso ouvir com atenção o que dizem – e como dizem – os textos que o analista tomou como objeto. A AD tem uma preocupação que ultrapassa a hermenêutica. É preciso ir além da interpretação dos sentidos de um texto: é preciso entender como o discurso funciona. Que lógica o movimenta, que elementos são repetidos, que elementos são silenciados; onde este discurso tem lugar, que posições de sujeito são ocupadas, como os atores se movimentam nessas posições ideologicamente definidas; quem fala, que espaços ocupa.

<sup>4</sup> ORLANDI, Eni. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2001.

Sabemos que não há discurso sem sujeito e que não há sujeito sem ideologia (ORLANDI, 2001).<sup>4</sup> A relação entre linguagem, mundo e pensamento torna-se possível porque a ideologia intervém com o seu modo de funcionamento imaginário, e o indivíduo, interpelado pela ideologia, torna-se sujeito de um dizer. Orlandi salienta que, pela interpelação ideológica que transforma o indivíduo em sujeito, inaugura-se a discursividade: a posição de sujeito é *um lugar* que o indivíduo momentaneamente ocupa para ser sujeito do que diz. Esse “lugar” é definido por elementos que vão além das singularidades do indivíduo que fala. Ao falar, o indivíduo se movimenta ao longo de uma série de posições de sujeito – e, sempre que muda de uma para outra,

<sup>5</sup> Considerando-se todo receptor, independentemente do veículo, como "leitor", e a leitura como um ato de produção de sentidos.

incorpora uma perspectiva a partir da qual deve falar.

Os sentidos de um texto variam conforme as estratégias postas em funcionamento na construção do discurso, a constituição dos sujeitos que falam e dos sujeitos que lêem,<sup>5</sup> o meio em que este texto se materializa linguisticamente, as relações de poder aí conformadas. As formações discursivas, estas regiões de sentido que se definem nas suas relações com outras formações discursivas, são reflexos das relações entre sujeito e ideologia, e, quando localizadas, permitem ao analista estabelecer regularidades no funcionamento do discurso. A construção dos sentidos, portanto, está intimamente relacionada aos interlocutores do discurso, ao que fala e ao que lê.

A linguagem é tratada por Bakhtin como inerentemente dialógica. A figura do *outro* é imprescindível na construção do discurso, pois não se pode pensar o homem fora de suas relações. "Toda palavra serve de expressão a *um* em relação ao *outro*. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros" (BAKHTIN, 1986, p. 113).<sup>6</sup>

Bakhtin (BARROS, 1999)<sup>7</sup> aponta quatro aspectos importantes do dialogismo: a interação entre os interlocutores é princípio fundador da linguagem; o sentido de um texto depende da interação entre os sujeitos; a intersubjetividade é anterior à subjetividade; existem dois tipos de sociabilidade, que são a relação entre sujeitos e a relação dos sujeitos com a sociedade. Para ele, o princípio do dialogismo define um texto como um tecido de muitas vozes ou de muitos textos ou discursos, os quais se inter cruzam, complementam-se e polemizam entre si.

O diálogo é a condição da linguagem e do discurso, mas existem textos monofônicos e polifônicos, de acordo com as estratégias discursivas empregadas.

Nos textos polifônicos, os diálogos entre discursos mostram-se, deixam-se ver ou entrever; nos textos monofônicos eles se ocultam sob a aparência de um discurso único, de uma única voz. Monofonia e polifonia são, portanto, efeitos de sentido, decorrentes de procedimentos discursivos, de discursos por definição e constituição dialógicos. Nos textos polifônicos escutam-se várias vozes, nos monofônicos uma apenas, pois as demais são abafadas (BARROS, 1999, p. 36).

Ducrot (1987)<sup>8</sup> contesta o pressuposto da unicidade do sujeito falante, mesmo que algumas pesquisas considerem como óbvio que cada enunciado possui somente um autor. Ele lembra que a crença da unicidade do sujeito falante esteve presente durante muito tempo e não foi questionada até que Bakhtin elaborou o

<sup>6</sup> BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1996.

<sup>7</sup> BARROS, Diana Luz Pessoa. Contribuições de Bakhtin às teorias do texto e do discurso. In: FARACO, Carlos Alberto (org). *Diálogos com Bakhtin*. Curitiba: UFPR, 1999.

<sup>8</sup> DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.

conceito de polifonia.

Para Bakhtin, há toda uma categoria de textos, e notadamente de textos literários, para os quais é necessário reconhecer que várias vozes falam simultaneamente, sem que dentre elas seja preponderante e julgue as outras: trata-se do que ele chama, em oposição à literatura clássica ou dogmática, a literatura popular, ou ainda carnavalesca, e que às vezes ele qualifica de mascarada, entendendo por isso que o autor assume uma série de máscaras diferentes. Mas esta teoria de Bakhtin, segundo conhecimento, sempre foi aplicada a textos, ou seja, a seqüências de enunciados, jamais aos enunciados de que estes textos são constituídos. De modo que ela não chegou a colocar em dúvida o postulado segundo o qual um enunciado isola do faz ouvir uma única voz (DUCROT, 1987, p. 161).

Há um entrecruzamento de vozes em um mesmo texto, e um enunciado assimila, em sua enunciação, a superposição de diversas vozes.

Ducrot utiliza-se da noção de polifonia de Bakhtin para diferenciar um sujeito enunciator de um locutor. Para ele (1987, p. 182), o locutor é “um ser que é, no próprio sentido do enunciado, apresentado como seu responsável”.

[...] o locutor, designado por *eu*, pode ser distinto do autor empírico do enunciado, de seu produtor – mesmo que as duas personagens coincidam habitualmente no discurso oral. Há de fato casos em que, de uma maneira quase evidente, o autor real tem pouca relação com o locutor, ou seja, com o ser apresentado, no enunciado, como aquele a quem se deve atribuir a responsabilidade da ocorrência do enunciado (DUCROT, 1987, p. 182).

O enunciator é a figura responsável pela produção de sentidos no enunciado, que mostra *o ponto de vista de onde se posiciona o locutor*.

Chamo “enunciadores” estes seres que são considerados como se expressando através da enunciação, sem que para tanto se lhe atribuam palavras precisas; se eles “falam” é somente no sentido em que a enunciação é vista como expressando seu ponto de vista, sua posição, sua atitude, mas não, no sentido material do termo, suas palavras (DUCROT, 1987, p. 192).

O locutor, responsável pelo enunciado, dá existência, através deste, a enunciadores cujos pontos de vista e cujas atitudes ele organiza e assimila. “Direi que o enunciator está para o locutor assim como a personagem está para o autor” (DUCROT, 1987, p. 192). O locutor pode ser comparado a um narrador, que é dado como a fonte de um discurso. Mas as atitudes expressas no discurso são atribuídas a enunciadores, que mostram seus pontos de vista no texto. Isso quer dizer que locutores diferentes

podem ser veículos de um mesmo enunciador – é exatamente o que observaremos em nossa análise.

### **Criminoso mau X vítima boa**

O caso que selecionamos para análise é típico, reunindo características encontradas na maior parte dos crimes relatados. Traz uma morte violenta, motivada por ciúmes de um criminoso retratado como *essencialmente mau*. Já a vítima é retratada como uma *pessoa boa*, que teve problemas na sua vida a partir do momento em que conheceu o criminoso.

Resumidamente, relata a história de João, assassinado logo após a festa de seu noivado, quando deixou a casa da noiva, Márcia. Ele foi morto por Mazinho, ex-namorado de sua noiva, inconformado com o fim do relacionamento – decisão tomada por ele mesmo. Após romper com Márcia, Mazinho se arrependeu e passou a ameaçá-la de morte, caso ela viesse a ter outro namorado. No dia do noivado, surpreendeu João, matou-o com trinta facadas e o arrastou, amarrado a um cavalo, por dois quilômetros. O crime aconteceu em Itaberaí (Goiás), no dia 10 de outubro de 1999. O assassino foi preso e confessou o crime. Condenado a dezessete anos e meio de prisão em regime fechado, Mazinho fu-giu da cadeia e nunca mais foi visto.

Encontramos, no relato desse caso, dezessete locutores, que, por uma conveniência metodológica, serão tratados aqui por L1 a L17. Também por uma opção metodológica, decidimos observar o posicionamento dos locutores a partir de determinadas formações discursivas. É com base nos sentidos produzidos que vamos determinar a relação entre polifonia e paráfrase – compreendendo a paráfrase como a reiteração, ao longo de um texto, de um mesmo sentido. Existe uma perspectiva predominante: a do enunciador que reduz o bandido a um homem possessivo, calculista e violento e reduz a vítima a um ser alegre, ingênuo, puro, generoso e apaixonado.

Os locutores são: L1 = narrador; L2 = apresentador; L3 = Cleuza da Borba de Souza (irmã da vítima); L4 = Márcia Alves Ribeiro (noiva da vítima); L5 = Issac Rodrigues da Silva (amigo da vítima); L6 = Mário Ribeiro da Silva (pai da noiva da vítima); L7 = José Maria da Borba (irmão da vítima); L8 = Bernardina Teixeira da Borba (mãe da vítima); L9 = Diva Alves da Silva (mãe da noiva da vítima); L10 = Jales Guedes Coelho de Mendonça (promotor); L11 = Wellington José da Cruz (amigo da vítima); L12 = Marcondes Alves Ribeiro (irmão da noiva da vítima); L13 = Helson José de Araújo (amigo da vítima); L14 = Isidoro Francisco de Sá (delegado); L15 = irmã do bandido; L16 = João (vítima); L17 = Mazinho (assassino). Ressalte-se que a irmã do assassino não é ouvida no programa, e sua fala aparece citada por outros. Não há, entre os locutores, ninguém próximo do criminoso.

Todos os locutores assumem essa perspectiva de enunciação. É como um “lugar” que vai sendo sucessivamente ocupado por todos, incluindo o narrador e o apresentador do programa.

ma. Locutores diversos são reunidos sob o mesmo enunciador, criando um mesmo sentido – uma polifonia que se dá no plano formal e que vem ao encontro dos estereótipos reconfortantemente simplificadores a respeito do bem e do mal.

O bandido é *frio e distante*, como podemos ver nestas seqüências discursivas: “segundo Márcia, Mazinho não dava atenção para ela” (L2); “Márcia e Mazinho não trocam carinhos, e o namoro é marcado por um silêncio constrangedor” (L1); “Mazinho está atrasado para a festa e Márcia está impaciente; finalmente ele chega, mas não liga para a namorada, prefere ficar com os amigos” (L1); “eu nunca achei que ele fizesse gosto, porque toda vez que a gente chegava, sempre sentava mais afastado, nunca pegava em mim, nem na minha mão” (L4); “namorar com uma pessoa e a pessoa não falar nada, eu arrumava de tudo quanto é jeito para ele falar e ele nunca falava” (L4).

Em contrapartida, a vítima é *apaixonada e carinhosa*: “João era o contrário de Mazinho, carinhoso e dedicado, tanto que em pouco tempo decidiram casar” (L2); “a atração entre os dois era tão forte que eles não conseguem esperar pela lua-de-mel” (L1). Um homem capaz de fazer uma mulher *feliz*: “Os dois só falavam no casamento, a alegria era geral” (L2); “tinha esperança de casar e ser a mulher mais feliz, e fazer dele o homem mais feliz, era isso que nós dois queríamos” (L4); “peguei na mão dele e olhei, ficou tão bonita aquela aliança na mão dele, da Márcia também, ficou bonito demais” (L9).

O assassino é *inseguro*: “Mazinho começou a namorar Márcia, mas, como ele era muito tímido, usou a irmã para fazer o pedido” (L2); “uma pessoa muito insegura, sabe?” (L4). Já o noivo assassinado é *espirituoso*: “Ele [João] disse: ‘o dia que eu crescer dez centímetros eu vou namorar com você’. Ele ainda sentou na traseira da caminhonete e falou: ‘olha, eu cresci, pode namorar comigo’” (L4). E *determinado*: “Ele pegou, no que ele veio de Itaberá, e trouxe um relógio para mim de presente. E ele falou: ‘agora nós vamos noivar no sábado’” (L4).

Sendo inseguro, o criminoso é também *possessivo e ciumento*: “Mazinho tomou a iniciativa de terminar o namoro, mas estranhamente passou a ameaçar a ex-namorada. Numa das conversas ele disse que, se Márcia não fosse dele, não seria de mais ninguém. Márcia, então, perguntou se ele pretendia matá-la. E Mazinho respondeu com a seguinte frase: ‘a gente se encontra no céu’” (L2); “Márcia volta para casa e é surpreendida por Mazinho, que persegue sua charrete e a obriga a parar” (L1); “ele chegou e disse: ‘vem cá, se você continuar desse jeito é melhor a gente terminar’” (L4).

A vítima é descrita como *bom filho e bom genro*: “meu filho, ‘vai casar e me largar dum lado’, ‘mainha, eu vou fazer a casinha do outro lado’” (L8); “para mim, eu não perdi só um amigo, perdi um filho” (L6); “acho que toda mãe desejava um rapaz daqueles pra casar com a filha, ele era bom demais” (L9); “só de ver os dois juntos eu já ficava feliz, porque ele estava realizando o sonho dela” (L9). Também é *ingênuo, cordato e inex-periente*: “João só tinha namorado uma garota antes dela, a irmã de seu futuro assassino. Mas foi um namoro passageiro” (L2); “João Batista, que eu vi outra namorada mesmo, foi duas namoradas, foi Márcia e essa irmã dele” (L5); “ele conviveu muito comigo e eu nunca vi o João abrir a boca para ofender uma pessoa” (L5); “ele [João] falou: ‘é brincadeira, jamais ele [o assassino] vai fazer uma coisa dessas [matar a ex-namorada]’” (L4). O contraste entre a natureza pacífica da vítima e o caráter violento do assassino fica evidente na narração do encontro dos dois momentos antes do crime: “Dez horas da noite, João se despede e vai para casa. Minutos depois, ele encontra Mazinho na estrada. João encosta a moto e desce para conversar, mas Mazinho não quer conversar, ele acusa João de estar zombando dele na cidade depois de roubar a sua namorada” (L1).

O bandido é *falso e calculista*, sendo capaz de planejar o homicídio e, depois do crime, esperar o desenrolar dos fatos como se nada tivesse feito: “ele chegou e me disse: ‘Márcia, volta pra mim’, e eu falei: ‘não volto’. Ele falou: ‘então tá bom, amigos’. E eu falei: ‘amigos’. Ele pegou na minha mão e disse ‘tchau’, e eu falei ‘tchau’” (L4); “quatro dias antes do crime, Mazinho, o futuro assassino, foi até a fazenda de João debulhar arroz, como costumava fazer. Só não encontrou João porque ele tinha ido até a cidade comprar um presente para a noiva” (L2); “Márcia logo deduziu quem era o culpado. A polícia encontrou Mazinho trabalhando na lavoura e ele confessou o crime” (L2).

Mas o assassino é, sobretudo, *violento, mau e cruel*: “parte do bate-boca é silenciado pela primeira facada de Mazinho. João ainda tenta fugir, mas é alcançado pelo assassino, que dá mais dez facadas nas suas costas. João se vira, agonizando, mas Mazinho não pára, desfere mais dezenove facadas” (L1); “depois de atingir o rival trinta vezes, Mazinho amarra João na sela do cavalo e sai arrastando o corpo. São quase dois quilômetros de cavalgada. A camisa e a bota de João ficam para trás” (L1); “a pele foi toda tirada, porque durante dois quilômetros ele arrastou o corpo da vítima” (L10); “é muita maldade” (L8); “aqui foi onde ele acabou de matar ele, porque a primeira facada deu mais pra frente, 64 metros, daí ele veio aqui e foi onde acabou de matar ele” (L4).

Há apenas dois momentos que deixam antever sentidos um pouco diversos do maniqueísmo bem-mal preponderante neste tipo de discurso. O primeiro surge na fala de um amigo da vítima, que permite pensar o mistério da condição humana, capaz de atos violentos e certamente condenáveis como um homicídio: “rapaz, a gente nem sabe como explicar, o ser humano é uma coisa imprevisível; ao mesmo tempo em que o cara [vítima] tava aí junto de nós, não era assim um dos amigos mais chegados, mas eu considerava ele” (L11). Embora não remeta o caráter de imprevisível aos atos do criminoso, é um enunciado que reflete o espanto do homem diante da morte e de suas teias inexplicáveis.

O segundo acontece ao narrar uma atitude da moça que foi pivô do crime. “Quando ainda estava namorando Mazinho, Márcia escreveu duas cartas para João. Apesar das frases românticas, Márcia afirma que as mensagens eram apenas provas de amizade” (L2). Ao que a noiva se justifica: “Tinha palavras de amor, mas não porque eu sentia, só pra mandar mesmo. A gente era amigo, a gente era acostumado a mandar uma carta de amor só como amigo” (L4). Não cabem aqui considerações morais nem ponderações sobre um crime violento e cujo autor já foi condenado pela Justiça. Mas as duas últimas seqüências discursivas deixam antever a complexidade de uma realidade que o programa tenta eliminar discursivamente. Os sentidos silenciados, porém, acabam se mostrando quando nos detemos em sua análise. O Linha Direta trabalha com a morte, que é um bem simbólico muito complexo para ser representado de forma simplista e unívoca. Um crime não pode ser tratado através de uma única perspectiva de enunciação, pois fica evidente o silenciamento de vozes e de versões.

### Considerações finais

O discurso do “Linha Direta” é notadamente polifônico, apresentando uma grande diversidade de vozes. A problematização que propomos vai além do mapeamento dessa evidência: nossa pergunta é se diversidade significa, por fim, pluralidade. Os casos narrados no programa, como o que analisamos aqui, apresentam uma série de depoimentos. Porém, temos muitos locutores falando basicamente sob uma perspectiva, um ponto de vista – seguindo a definição de Ducrot, muitos locutores e um único enunciador. Como o enunciador é “a pessoa de cujo ponto de vista são apresentados os acontecimentos” (DUCROT, 1987, p. 195), é essa perspectiva que dá forma aos sentidos.

Se quisermos realmente compreender como determinados sentidos estão sendo reiterados, não podemos parar na identificação dos locutores, mas devemos avançar rumo aos enunciadores. São eles que indicam as posições de sujeito ocupadas pelos indivíduos que falam, são eles que vêm configurados ideologicamente, são eles os personagens incorporados por atores diversos. O enunciador é a perspectiva da qual o locutor enuncia. É essa perspectiva que articula as formações discursivas que definem, na acepção clássica de Pêcheux, o que pode e deve ser dito daquela posição determinada.

Se ficarmos com a perspectiva de um único enunciador, vamos nos deparar com um discurso plano. No caso do Linha Direta, temos um discurso maniqueísta, que mostra criminoso como tendo somente defeitos e a vítima portadora de somente qualidades. Desta forma, podemos dizer que o programa está muito longe de tratar os crimes com objetividade e de levar em consideração a velha idéia de imparcialidade jornalística. A opinião do programa sobre os crimes e seus objetivos se tornam nítidos a quem observar o seu discurso mais minuciosamente.

Estamos diante de um programa que toma para si os papéis da polícia e da Justiça e que tem como um dos fatores de seu sucesso estar ancorado em uma emissora de retrospecto como a Globo. A emissora utiliza-se de sua credibilidade para disputar autoridade com a polícia e com a Justiça. O programa pode parecer um justiceiro, se o pensarmos de uma maneira geral, mas no momento em que observada a sua estrutura narrativa e os depoimentos, a idéia de que o Linha Direta pensa somente no bem da população e em tirar criminosos da rua é desbancada. É perceptível que estamos diante de uma busca por audiência. Programas como o “Linha Direta”, híbrido de jornalismo e dramaturgia fundados na violência, mobilizam preocupações ao mesmo tempo sociais e atávicas. Ao lado da noção de colaboradores da Justiça e reguladores do caos social, ancoram-se em um ancestral medo diante da morte e da dor.

A complexidade intrínseca ao caos é soterrada por meio de um discurso que opta por estratégias de simplificação e redução. Não retrata seres humanos que se movem entre tensões e contra-dições, e sim pessoas que são “ou isto ou aquilo”. É uma fórmula de fácil entendimento e que ajuda a manter a visão de que o mundo se divide entre os totalmente maus e os totalmente bons, estando estes à mercê da crueldade daqueles.

Finalizando, podemos questionar o papel social do jornalismo e a sua atuação na construção da cidadania. Apesar de a emissora, no momento em que apresenta um programa que tem

Michelle Negrini

como uma das finalidades “colocar criminosos na cadeia”, estar se mostrando como prestadora de serviços para a sociedade, ela faz um trabalho com uma perspectiva fixa, que tenta não deixar espaço para discussões sobre o que está sendo apresentado. Também são pertinentes os questionamentos acerca da utilidade de programas como o Linha Direta para a sociedade, pois mesmo que auxilie na captura de bandidos, o número de presos é insignificante se comparado com o total de crimes ocorridos no país.